

EUA reconhecem que Plano Brady não reduzirá dívida a curto prazo

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Governo americano reconheceu ontem que os países devedores da América Latina e seus bancos credores ainda estão longe de um acordo que possibilite reduzir a dívida externa, como proposto pelo Secretário do Tesouro Nicholas Brady, há quase três meses.

— Acho que nenhuma das partes quer ir muito além antes de ver terra firme — comentou o Subsecretário do Tesouro, David Mulford, ao falar a executivos de multinacionais que operam na América Latina, em almoço no Departamento de Estado.

Falando à mesma plateia, o Ministro das Finanças do México, Pedro Aspe, disse que a falta de acordo é culpa dos credores. E advertiu que, se os países industrializados não fizermos sua parte rapidamente, a crise econômica do México, e de toda a região, será prolongada e afetará os interesses dos próprios credores.

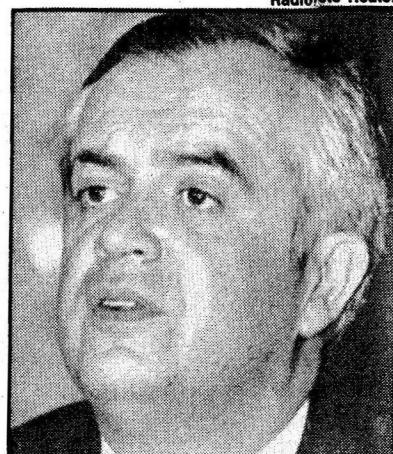
— O México — que está negocian-
do com os bancos — já fez sua parte.
Agora resta aos governos dos países
credores cumprir suas promessas de
alívio da dívida. E aos bancos absorver
os prejuízos, para que se reinicie
uma nova era de prosperidade e pro-
gresso — disse Aspe.

O Subsecretário do Tesouro admitiu que a lentidão das negociações é maior do que se esperava:

— Os dois lados parecem longe de um acerto. E é urgente que se mexam rapidamente nessas negociações. Eles terão de empenhar toda a dedicação para diminuir suas dife-
renças — disse Mulford.

Ele revelou que, na semana passa-
da, houve uma reunião sigilosa em
Paris entre funcionários dos países
ricos, especializados em aspectos
contábeis e regulamentação legal,

Radiofoto Reuter



Pedro Aspe: México já fez sua parte

para discutir questões técnicas que emperram os mecanismos que, segundo o Plano Brady, serviriam para reduzir a dívida externa latino-ame-
ricana.

— Discutiu-se como as transações devem ser visualizadas e tratadas. A conclusão foi de que é necessário incrementar o processo de consultas mútuas — contou David Mulford.

Quanto aos novos fluxos de capital para os países endividados, ele disse que o melhor caminho hoje é o da troca de parte da dívida por investimentos nesses países. Ao tocar nesse tema, o Ministro Pedro Aspe disse que a questão do investimento se inclui num “círculo vicioso”.

— O endividamento gera incerte-
zas econômicas, o que faz com que os investidores atuem de maneira mais prudente, esperando que cheguem tempos melhores antes de comprometer seus recursos. Na medida em que não se dão os investimen-
tos, a dívida se tornará ainda mais pesada. E aumentará a incerteza, reforçando então o círculo vicio-
so — comentou Aspe.